

TARDE DA NOITE

Katherine Mansfield

Trad.: Juliana Amato

(Virginia está sentada diante da lareira. Jogadas sobre uma poltrona estão as coisas que ela tirou ao entrar em casa; suas botas secam no gradil, exalando um leve vapor.)

Virginia (repousa a carta): Não gostei nem um pouco desta carta — nem um pouco. Pergunto-me se ele me despreza de fato ou se é só o seu jeito. (*Lê a carta.*) “Muito obrigada pelas meias. Como já haviam me enviado cinco pares nos últimos dias, estou certo de que você ficará contente em saber que dei as suas a um amigo.” Não; não deve ser coisa da minha cabeça. Ele quis mesmo dar o seu recado; fui totalmente rejeitada.

Oh, quisera nunca ter enviado aquela carta dizendo a ele que se cuidasse. Daria qualquer coisa para ter aquela carta de volta. Também, escrevi-a numa tarde de domingo — esse foi o perigo. Eu não deveria escrever cartas em tardes de domingo — mas sempre me deixo levar. Não sei por que as tardes de domingo sempre exercem um efeito curioso sobre mim. Simplesmente anseio ter alguém a quem escrever — ou a quem amar. Sim, é isso: domingos me deixam triste e cheia de amor. Curioso, não?

Preciso voltar a frequentar a igreja; sentar em frente à lareira e pensar é lamentável. Tem os cantos, também; é possível deixar-se levar seguramente pelos cantos. (*Cantarolando*) “E por aqueles que nos são mais queridos e preciosos...” — (*mas seus olhos iluminam a frase seguinte da carta*). “Foi muita gentileza sua tê-las bordado, você mesma.” Francamente! Francamente, isso já é demais! Homens são terrivelmente presunçosos! Ele acredita *mesmo* que as costurei sozinha. Ora, se mal o conheço; falei com ele algumas poucas vezes, apenas. Por que diabos eu costuraria meias para ele? Ele deve pensar que estou me oferecendo. Porque, sem dúvidas, costurar meias para um homem só pode significar oferecer-se a ele — ainda mais se é quase um estranho. Comprar-lhe um par de meias qualquer já é outro assunto. Não, não devo escrever-lhe novamente

— isso é certo. E, além disso, por que razão o faria? Eu poderia ficar realmente interessada por ele e ele nunca moveria uma palha por mim. Como todos os homens.

Pergunto-me por que é que, depois de certo momento, pareço sempre afastar os outros. Curioso, não? Eles gostam de mim de início; pensam que sou excêntrica, ou autêntica; mas então logo quero mostrar a eles o meu apreço — dar-lhes ao menos uma pista —, e eles parecem se assustar, e começam a desaparecer. Acredito que isso fará de mim uma pessoa amargurada no futuro. Talvez eles saibam, de alguma maneira, que tenho tanto, tanto a oferecer. Talvez seja isso que os assuste. Oh, sinto-me transbordando, transbordando de amor para dar — me dedicaria a uma pessoa tão absoluta e completamente — olharia por ela — manteria-a distante de todo o horror — e a faria sentir que sempre que quisesse algo eu viveria para fazê-lo. Se ao menos sentisse que alguém me deseja, que sou útil a alguém, eu me tornaria uma pessoa diferente. Sim, este é o mistério da vida para mim — sentir-se amada, sentir-se desejada, saber que alguém pode contar comigo para absolutamente tudo — para sempre. E sou forte, e muito, muito mais valiosa que a maioria das mulheres. E tenho certeza de que a maioria delas não têm esse enorme anseio por expressar-se. Acho que é isto — um anseio por desabrochar, ou quase. Estou totalmente guardada e isolada na escuridão, e ninguém se importa. Acredito que seja por isso que sinto essa tremenda ternura por plantas e animais doentes, e pássaros... É uma maneira de desaguar essa abundância, esse fardo de amor. E então, é claro, eles são tão indefesos — aí está outra questão. Mas tenho a sensação de que, se um homem está realmente apaixonado, está igualmente indefeso. Sim, estou certa de que os homens são bastante indefesos.

Não sei por que, tenho vontade de chorar esta noite. Certamente não por causa dessa carta; ela não tem a menor importância. Mas fico me perguntando se um dia as coisas vão mudar ou se provavelmente estarei assim até envelhecer — desejando... desejando. Não sou tão jovem como era, mesmo agora. Tenho rugas, e a minha pele nem se compara com o que costumava ser. Nunca fui de fato bonita, não do modo usual, mas tinha uma bela pele e lindos cabelos — e um caminhar esguio. Hoje flagrei o meu reflexo no espelho — inclinando-me e arrastando-me pelo caminho... Pareço desleixada e velha. Bem, não; talvez não tão mal assim; sempre exagero quando falo sobre mim mesma. Mas agora ando

mais implicante — é a idade, com certeza. O vento — não posso sequer escutar o sopro do vento; e odeio ter os pés molhados. Nunca fui de me importar com essas coisas — costumava me ver nelas — me faziam sentir como que em comunhão com a Natureza. Mas agora isso me irrita e me dá vontade de chorar, e rogo por algo que me faça esquecer. Deve ser por isso que as mulheres começam a beber. Curioso, não?

O fogo está se apagando. Vou queimar a carta. O que ela significa para mim? Oh! Pouco me importa. O que ela significa para mim? As outras cinco que lhe enviem meias à vontade! E não acredito que ele seja nem um pouco como imaginei. Posso até ouvi-lo falando: “Foi muita gentileza sua, tê-las bordado, você mesma”. Com sua voz envolvente. Acho que foi sua voz que me atraiu — e suas mãos; parecem tão fortes — verdadeiras mãos masculinas. Ah, bem, não faça drama; queime a carta!... Não, já não posso — a lareira apagou. Vou me deitar. Pergunto-me se ele realmente me despreza. Oh, estou exausta. Ultimamente, quando me deito para dormir, tenho vontade de puxar os cobertores até a cabeça — e chorar. Curioso, não?